

MOMENTO feminino

Lavrado, 55, Sala 14 — RIO

6.^a Feira, 30 de Janeiro de 1948

CR\$ 1,00 * ANO I * N° 28

UM JORNAL PARA O SEU LAR



UMA INSTITUIÇÃO DE MULHERES

O INSTITUTO FEMININO DO SERVIÇO CONSTRUTIVO DESEMPENHA SEU PAPEL, NA LUTA DAS MULHERES PELA PAZ E POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA — FALA A REPORTAGEM DE «MOMENTO FEMININO» A DRA. MARIA AUGUSTA TIBIRIÇA — UMA CONVENÇÃO FEMININA — OBJETIVO MÁXIMO DAS MULHERES — (Texto na página 4)

NOSSOS PROBLEMAS

ARCELINA MOCHEL

Em toda a parte os povos se imbuíram com uma forte vontade de esmagar os tiranos do imperialismo, essa força que oprime os países mais atrasados, que procura deixar o seu povo em opressão econômica, sem indústria, sem desenvolvimento no seu comércio, sem democracia interna. E como todos os povos se levantam, as mulheres também compreendem que estão integradas nessa luta, porque vivem numa coletividade comum que ama a paz, as liberdades democráticas e o progresso em todas as pátrias.

É verdade que, também, mulheres há a serviço do imperialismo, agindo sorrateira ou abertamente contra os interesses da grande maioria dos povos, prisioneiras a interesses pessoais, ligadas às redes das famílias da alta burocracia, defendendo seu exclusivo conforto, pouco lhes alterando a angústia dos que sofrem o não de ferro dos homens dos monopólios dos que se plugam aos senhores do mundo. São essas as nossas irmãs, que se esquecem das nossas necessidades, das nossas torturas diárias. São as mulheres que vivem o luxo e as riquezas, pouco se encomodando que o povo viva com fome, que as crianças morram à mingua ou que os velhos esmorem. Por isso se articulam, para que a situação lhes permaneça como está, vendo na nossa luta um perigo para seus prazeres.

Essa é uma verdade, que infelizmente existe aqui e em todo o mundo. Elas também se organizam e procuram

marcar sua luta com ares de democracia e igualdade, mas, no fundo, querem esmagar-nos. Procuram dividir, tentando desviar-nos das nossas mais justas e humanas aspirações.

Já em toda a parte, surgem esses movimentos femininos e logo os notamos como divisionistas, quando não os vemos ligados à Federação Democrática Internacional de Mulheres, única força feminina mundial que realmente defende os nossos interesses, numa base de igualdade humana.

É a definição dos dois lados da luta: daqueles que estão com a democracia e dos que estão com o imperialismo.

Nós, mulheres democratas, conscientes de que devemos opor-nos à ofensiva reacionária dos prepotentes, dos senhores que pretendem subjugar os povos ao predomínio imperialista, nós que sofremos ao lado de nossas irmãs do mundo inteiro os horrores da guerra passada, vendo muitas como heroínas, mas sabendo dos milhares que foram sacrificadas em suas vidas e em seus lares, só poderíamos, nesta hora, responder a essas mulheres, que se esqueçam das funestas consequências do imperialismo sobre os povos oprimidos que as venceremos, porque a nossa luta é contra a falta de conforto e por condições de vida compatíveis com a condição de seres humanos livres.

MOMENTO FEMININO

EXPEDIENTE
Diretora:

ARCELINA MOCHEL
Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
RUA DO LAVRADIO, 55
Sala 14 — C. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

NOSSA FESTA DE CARNAVAL

Luiza Regis, nossa gerente, promoveu, em sua residência, à rua Smith Vasconcelos, uma festa em homenagem a MOMENTO FEMININO. Foi uma noite alegre com as canções de Carnaval enchendo o ar, com a orquestra pondo entusiasmo nos dançarinos. Uma autêntica festa de Carnaval onde não faltou a graça das fantasias e o espírito folião dos dançarinos.

O MUNDO DE HOJE



O MUNDO DE HOJE



O MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Em todos os países comemora-se a semana do Três L. Falamos especialmente de um deles hoje, porque foi como nós mulher e seu nome é de luta e resistência: Rosa de Luxemburgo.

Polonesa, Rosa nasceu em 5 de maio de 1870. Um de

« MOMENTO FEMININO » protesta sr. diretor dos Correios e Te- légrafos

Eu não temos dirigido cartas e memorandos ao sr. diretor dos Correios e Telégrafos pela sabotagem sistemática que nosso jornal vem sofrendo. Nossos assinantes nos Estados, e na Capital reclamam — há sete números — que não recebem os jornais. Tudo que era possível fazer já fizemos.

Nosso serviço de expedição é fiscalizado e por nós dirigido. Sabemos, portanto, que o erro é exclusivamente dos Correios. Que fazer? A quem reclamar? Como responder às justas reclamações dos assinantes?

O sr. diretor dos Correios e Telégrafos, que várias vezes já recebeu nossas cartas, devia ser um pouco mais correto e verificar o que há com o nosso jornal.

MOMENTO FEMININO, como o qualificativo indica é um jornal de mulheres. Por que essa atitude com ele?

seus biógrafos (Augusto Golbach) diz que Rosa foi a mais moça de cinco irmãs e era uma criança "imaginativa, precoce e superiormente inteligente". Rosa sorriu desde muito cedo: um defeito físico (manquejava) uma estatura demasiadamente pequena, uma saúde fraca. "A vida, escreveu ela uma vez na prisão — parece ter sempre querido brincar de esconde — esconde comigo". E desde cedo manifesta-se em Rosa as tendências do pai, um liberal. Não esqueçamos que ser liberal na Polónia na época da meninice de Rosa, era ser revolucionário. Há um poema dela, feito aos 14 anos que demonstra claramente sua ancia de luta. Diz um trecho: "Em política evidentemente, não passo de uma criança ignorante e estúpida". Qual a vantagem de discutir esses assuntos contigo. Quero contudo dizer-te alguma coisa, Guilherme. Fala pois a Bismarck, esse astuto vitão, ordena-lhe de não jamais comprometer a paz.

Guilherme I em 1884 era Imperador da Alemanha e visitava no momento a Polónia. Assim veio Rosa para a vida. De olhos abertos. Quando surgiu a primeira organização operária socialista Rosa, colegial ainda, organizou no seu colégio um clube ilegal. As moças reunidas discutiam o "Manifesto" de Marx. O ano terminara:

Rosa diplomara-se e a polícia descobriu o clube. Rosa era a leader. Teve que abandonar a Polónia, pela Suíça. Inscreveu-se imediatamente na Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurich. Abandonou-a depois para dedicar-se ao estudo de Economia Política. Rosa considerava a necessidade de uma cultura sólida para se tornar uma lutadora.

E ela o foi. "Seus escritos de economia política, os mais ardentes contem parentesis que revelam a doçura de seus sentimentos para com os humildes e infelizes", diz Margaret.

Rosa não deixou de ser a boa, doce, carinhosa mulher. Sua cultura política caminhava sempre ao lado do seu amor pela música, pela pintura e pela literatura. Na prisão estudou botânica.

Estreou publicamente como lutadora no Congresso Socialista Internacional. Tinha 22 anos mas sua cultura e sua atuação garantiram-lhe desde logo um lugar na história.

Da Suíça, diplomada doutora em Economia Política, Rosa seguiu para a Alemanha, de passagem pela França. Aí conheceu os grandes revolucionários da época: Guesde, Lafarque, Jaurès. Na primavera de 1899 chegava a Berlim e encontrava divididos os socialistas alemães. Rosa ingressa então no socialismo para combater ener-

gicamente o grupo revisionista. E trabalha ao lado de Guilherme Liebknecht, Augusto Bebel e Carlos Kautsky (que depois os abandonou). Em 1904 ela é presa, e logo depois anistiada. Em 1906 levam-na para o carcere novamente de onde consegue fugir antes de ser deportada. A narrativa do que Rosa sofreu na cadeia é impressionante: numa jaula de ferro, cercada por uma grade de aço! Mas sua vida continuava em linha heróica. "Nenhuma tarefa lhe parecia desprezível ou demasiadamente modesta: ela as aceitava todas com o mesmo coração!" Voltando à Alemanha depois de uma estadia na Filândia Rosa foi ser a professora de Economia Política dos funcionários do Partido Social Democrata. E publicou nesse momento dois de seus melhores livros sendo um (Acumulação do Capital) julgado como um complemento à obra de Marx sobre esse assunto.

Meses antes da guerra de 1914-1918 Rosa fez turnês de conferências contra a guerra em perspectiva. Foi presa numa das cidades alemãs, quando falava e sofreu três anos de prisão.

Em 1917, Rosa e Karl Liebknecht tentaram organizar uma demonstração pacífica em Berlim. Foram presos e mandados para Breslau. Da cadeia Karl escrevia à mulher: "... sua saúde (de Rosa) é tão débil; ela vai sofrer horri-

velmente nesta prisão de Breslau..."

... "Eles quem abater essa mulher cujo corpo débil encerra uma alma tão grande e tão lutadora, um espírito tão brilhante e tão audacioso".

A 9 de novembro de 1928 foi proclamada a República na Alemanha e abertos os carcereiros. Apesar dos seus longos anos de cadeia Rosa não perdera sua confiança nas massas, sua fé revolucionária e as divergências socialistas reinantes levaram-na a formar, com Liebknecht "Spartakusbund", primeiro núcleo do partido comunista alemão. Em 10 de janeiro realiza-se a insurreição que é esmagada. Rosa e Liebknecht presos. E agora a descrição de sua morte.

"Quando saía do hotel caminhando, lentamente por causa de sua enfermidade, o soldado Runge deu-lhe uma coronhada que a derrubou. Não mais se ergueu. Mais tarde Runge confessou o monstruoso assassinato dizendo que no momento em que tomou o carro Rosa se mexia ainda. Com um tiro de revólver o tenente Krull liquidou-a. Seu corpo foi jogado no canal".

E essa mulher que reverenciamos hoje. Os crimes continuam mas a voz de Rosa é clara, precisa e viva anunciando um futuro sem crimes.

Rosa não morreu em vão.

MAR GRANDE

CONTO DE DIAS DA COSTA
(Continuação do numero anterior)

No inverno teria os dias pequenos, a chuva batendo nas telhas, o sueste assoviando terrível, o grande mar varando as velas brancas se levantando em vagalhões enormes, homens empuçados em grandes capotes de sarja azul saindo para a chuva, reforçando cautelosos as amarrações trágicas dos pequenos barcos acorrentados. Nas manhãs cheias de neblina ficaria à janela, vendo passar pescadores do sul da ilha, de calças de brim grosso arregaçadas, exibindo jarretes musculosos, trotando pela praia molhada, curvados sob o peso dos côfos abarrotados de peixe fresco.

A tarde chegaria o vapor de Itaparica. Satú sairia no seu saveiro de vela remendada para receber passageiros escassos. Os coqueiros agitariam as suas palmas no alto, farfalhando ao vento. Nuvens esgarçadas desenhariam animais fabulosos no campo sem limites do céu azul.

E ele, dentro daquela paz das coisas e dos homens, seria como uma coisa a mais, infinitamente pequena mas infinitamente feliz, sem problemas e sem lutas, sem heroísmos e sem rancores, numa volta a um primitivismo simples e ingênuo, capaz de apagar todas as cicatrizes de sua alma, como lhe restituira ao corpo o vigor perdido.

Voltar seria ter de novo os dias agitados e fatigantes, as

rotas intermináveis e povoadas de temores, o cérebro sempre em tensão, a expectativa permanente de tragédias em todos os instantes, descobrindo sempre uma traição em cada gesto, uma armadilha perigosa em cada palavra. Seria ter de esconder-se outra vez como um criminoso, trabalhar sem descanso, mesmo quando as forças se estivessem no último limite, derrubar pequenos interesses em choque, esclarecer com paciência as mais perigosas incompreensões. Voltar seria talvez reviver os suplícios antigos, o horror das grades impassíveis, as ameaças do seu corpo covarde para o sofrimento físico, os interrogatórios longos e impiedosos, a tortura permanente em suas formas mais desmoralizantes.

No entanto a carta para Mariana estava no seu bolso e ele tinha que decidir. O saveiro de Leonardo estava lá em baixo, na Gambôa, com o mulato no leme, esperando por ele. O apelo dos amigos não permitia adiantamentos. Sem a sua presença imediata todo o trabalho teria sido inútil e ele sabia bem as dificuldades que haveria para recomê-lo. Mas, que importância teria o fracasso de seu trabalho? Valia aquela luta o sacrifício da sua felicidade? Maquinalmente

acendeu um novo cigarro. E, como se tivessem sido despertadas pelo clarão do fôtoro, umas sobre as outras, como no seu passado delirio, visões passaram vertiginosamente diante de seus olhos cansados. Ele já não estava ali e uma força mais poderosa do que a sua vontade obrigava-o a ver as coisas que ele procurava não enxergar.

Camponeses eram encarcerados pelo crime de cana, em surubas mimos proibidos de libertação. Alguns projetavam em lugares devastados pela morte, sombras escuras de asas metálicas sobre corpos sangrentos de crianças estripadas. Na Ásia os corpos amarelados de mulheres amputadas já não atraíam a gula dos corvos inqgestos de caníbal. Nas fabricas de todo o mundo operários eram obrigados a construir engenhos de destruição. Em vários lugares meninos de calças curtas eram cuidadosamente instruídos para a manutenção futura, sacando com braços estirados em gestos mecânicos os desumanos semeadores de orfandade. E um sopro de loucura homicida varria o mundo, sob o olhar complacente de deuses de épitios e venais.

Que direito lhe assistia de recuar agora, porque era feliz, porque essas coisas hediondas não estavam se passando sob a sua vista, porque os homens sorriam longe dele, porque as mulheres morriam em lugares distantes, e as crianças que passavam fome não eram seus filhos?

Foi então que o farol, lá de ponta distante da Barra, lhe enviou mais uma vez a sua luz vermelha, que acaiciava de leve a superfície parada das águas adormecidas. A paz que estava nas coisas em torno não se modificou, mas ele sentiu, como jamais sentira antes, que essa paz tão cedo não poderia descer sobre o seu coração marcado pelo sopro da grande tempestade. A paz não era para ele, não podia ser para ele.

As estrelas estavam brilhando, o mar estava sossegado, as vagas se espalhavam mansas na praia sem ruídos. Dentro de casa Mariana dormia. Não havia grilos cantando no silêncio e o coaxar dos sapos não povoava de sons a lagôa do fundo. Os coqueiros estavam erguidos e tranquilos, com as palmas imóveis decorando a noite quieta. A paz era absoluta sob as estrelas. Mas essa paz não era possível para ele, porque o farol, lá de longe, do outro lado da baía, lhe enviava a sua mensagem, com o seu clarão vermelho deslizando de leve pela superfície polida das águas paradas.

Leonardo estava lá em baixo, com o saveiro pronto e o seu cachimbo brilhando na escuridão da noite agora sem mistérios.

Carlos olhou as estrelas, olhou o mar imóvel, olhou o colar de luzes da cidade de frente, abarcou num último olhar aquele mundo pequeno e enorme que procurava prendê-lo. Então, decidido de uma vez, esperou que o farol bri-



inasse de novo e novamente se apagasse. Depois, com os maxilares contraídos, e um zumbido que já conhecera antes cantando-lhe nos ouvidos abaixou-se devagar, enfiou a carta para Mariana por baixo da porta, ergueu-se num

repente, estirou os braços longos para distender os músculos entorpecidos e marchou pela praia, procurando o saveiro pequeno de Leonardo, enquanto no alto as estrelas continuavam cintilando infatigavelmente.

O CAMINHO É DURO

NAIR BATISTA

Hoje, amanhã, depois,
já passou a guerra, já chegou a paz, então por que a fome?
Hoje, amanhã, depois,
onde está o leite, onde está o pão, onde o meu amor?
Hoje, amanhã, depois,
onde as esperanças, onde as alegrias, onde tantos sonhos?
Hoje, amanhã, depois,
onde está a creche, onde está a escola, onde o cidadão?
Hoje, amanhã, depois,
onde está o leite, onde está o pão, onde o meu amor?
Hoje, amanhã, depois,
um vestido rito, vidas mal troçadas numa vida só.
Hoje, amanhã, depois,
uma rosa pálida, um sapato safo, um vestido velho.
Hoje, amanhã, depois,
o caminho é duro, as desgraças tantas, o salário pouco.
Hoje, amanhã, depois,
já passou a guerra, já chegou a paz, então por que a fome?
Hoje, amanhã, depois,
lana no sapato, roupa remendada, alimento pouco.
Hoje, amanhã, depois,
murros sobre a mesa, gritos de criança, noites sem dormir.
Hoje, amanhã, depois,
uma rosa pálida, um beido beijo num momento vago.
Hoje, amanhã, depois,
tudo vai depressa, tudo vai correndo, tudo vai findando.
Hoje, amanhã, depois,
o caminho é duro, a prece não consola, surge a frase forte.
Hoje, amanhã, depois,
já passou a guerra, já chegou a paz, então por que a fome?
Hoje, amanhã, depois,
vamos para a luta, para a vida livre, para a Grande luta.
Hoje, amanhã, depois,
uma rosa pálida, a cabeça erguida, olhos no futuro.
Hoje, amanhã, depois,
o caminho é duro, amanhã, depois, depois.



Este
é o
CORONEL
TATUIRA

PERSONAGEM DO NOVO LIVRO DE

MONTEIRO
LOBATO



ZE' BRASIL

O COMPANHEIRO DE JÉCA TATU

Lançado pela EDITORIAL VITÓRIA LTDA
para todos os brasileiros!

EDITORIAL VITÓRIA LTDA

RUA DO CARMO 6, 13º ANDAR, SALA 1306, RIO

PEÇA HOJE MESMO
PELO REEMBOLSO!

Cr\$ 2,00

NOME	_____
ENDEREÇO	_____
CIDADE	_____
ESTADO	_____

A venda em todas as bancas do Centro

Uma instituição de mulheres



A reportagem deste jornal sobre a sede do Instituto Feminino do Serviço Construtivo, na rua do México, 97, onde mantém o cordão da palmeira, a respeito das atividades daquela organização feminina, com a jovem Maria Augusta, responsável pelo Departamento de Propaganda e de Publicidade. Inicialmente, ela nos deu uma ampla visão da marcha progressiva da luta das mulheres, em geral, e do papel do Instituto em relação a essa luta.

— Consciente de seu verdadeiro papel no mundo de hoje, a mulher, em todos os países, organiza-se para a defesa dos seus legítimos interesses de seres livres e da humanidade. Entre estes, em primeiro plano, figura a paz.

Dentro da paz a melhoria das condições gerais da vida, e as maiores possibilidades para seus filhos, habitação higiênica, alimentação e saúde para sua família.

— Tudo baseado na elevação do nível econômico do país. Languiu-se a mulher carioca na luta contra a carência, para tanto instalando em cada bairro uma União Feminina, cujos trabalhos frutificam em grandes realizações. Nos Estados o mesmo se processa. Ainda há pouco em nossa recente viagem a São Paulo, pudemos ver que na Capital como em Santos e Sorocaba e outras cidades a mulher vai levantando a mesma bandeira.

Maria Augusta através de

uma palavra fiel, continua analisando o trabalho feminino, ressaltando o Instituto como organização que tem sido um elo entre as várias e operantes associações de mulheres do Distrito Federal e de outros Estados. Fala ainda sobre o objetivo máximo do trabalho feminino — a realização de uma convenção, de cuja realização decorrerá a criação de uma Federação de Mulheres.

Manuseando a sua bem organizada coleção de jornais e pondo em destaque o apoio da imprensa, ela nos cita várias realizações do Instituto Feminino do Serviço Construtivo:

— A conferência de D. Alice Tibirica no auditorium da ABI, quando de sua volta de Praga, onde representou a mulher brasileira. A realização pela primeira vez, no Brasil, de comemorações do Dia Internacional da Mulher. A realização da semana da Solidariedade Humana. O movimento de Solidariedade a vereadora Ligia Maria Lessa Bastos.

Lembra-nos a realização da grande concentração de mulheres, que souberam conduzir-se com serenidade e firmeza, em face da proibição à passeata. E' o dia 21, de julho, data consagrada à Mulher Carioca. Repetimos suas palavras, a respeito:

Está ainda na lembrança de todos este movimento. Uma feliz coincidência marca este acontecimento: o aparecimento de "MOMENTO FEMININO" que pode trazer completa reportagem do dia 21 de julho no seu primeiro número, em 25-7-47.

Através do documentário apresentado pudemos verificar as campanhas em benefício da mulher, pela democracia, pela paz, contra as violências policiais e, por último, a atuação na luta pela solução do proble-

ma do abastecimento da carne. Fierres no fim do ano de 1947. Esperamos que dessa importância e contra a majoração dos aluguéis. Sobre a mesa redonda promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e respondendo a uma nossa pergunta nesse sentido, diz a nossa entrevistada:

— Não podemos terminar sem uma referência especial a uma grande realização das multíssimas assembleias surjam detritrizes seguras para o trabalho feminino e campo propício à realização do Congresso de Mulheres em 1948, de onde surgirá, do esforço e colaboração de todas, a entidade ampla que congregue as associações femininas de todo país.

Maria Augusta que muito nos falou da imprensa, do rádio e do cinema, finalizou, assim, suas declarações:

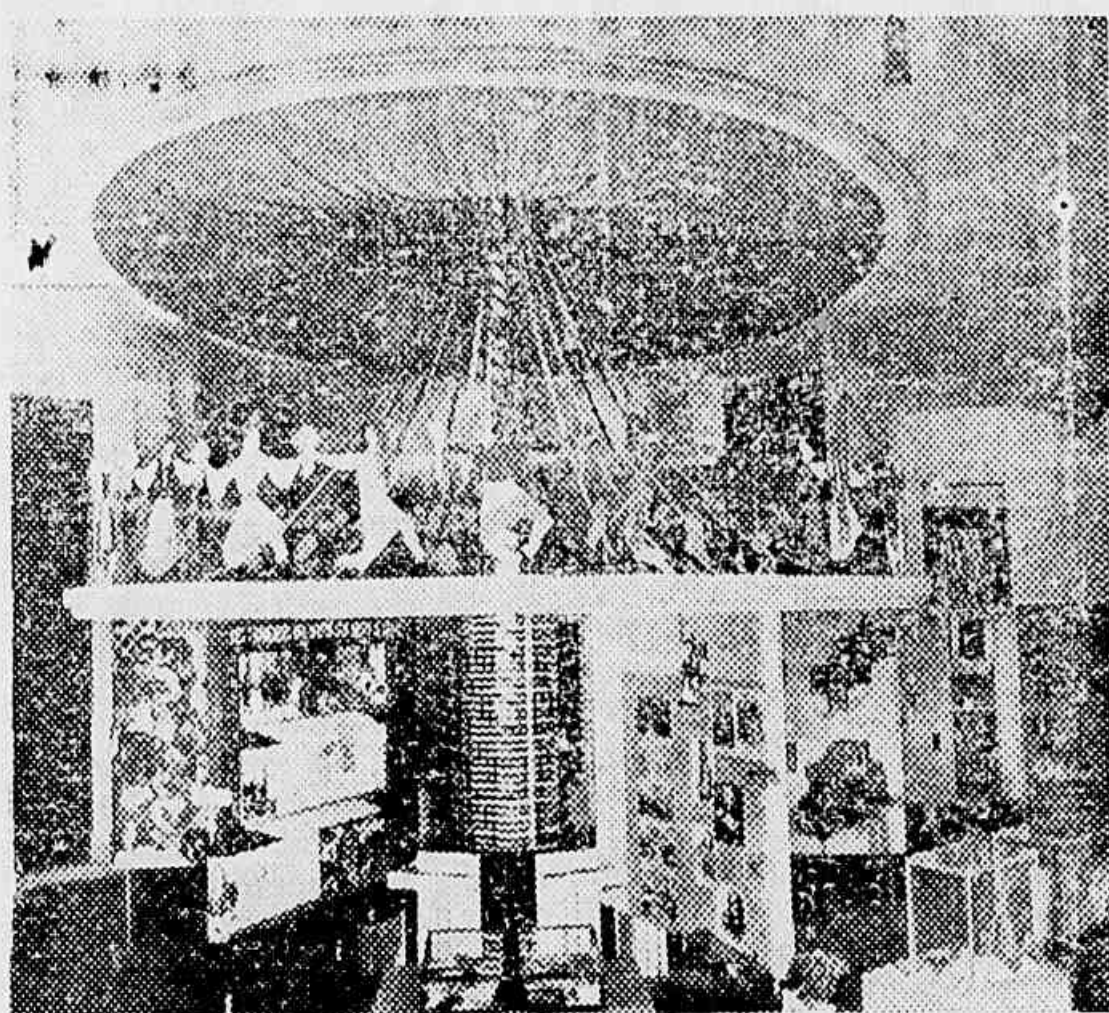
— Ao destacarmos e agradecermos a atuação da imprensa, rádio e cinema no trabalho da mulher, queremos ter uma palavra de especial destaque à "MOMENTO FEMININO", que representa uma concreta e utilíssima realização das mulheres. "MOMENTO FEMININO" tem permitido uma verdadeira articulação entre as associações de mulheres, levando às cidades do interior o que aqui se realiza e dizendo, a nós, do Distrito Federal, do serviço organizado e construtivo de nossas patrícias nos Estados. Focalizando os problemas e atuação da mulher em todo o mundo.

Desejamos que "MOMENTO FEMININO" conte com a colaboração de todas as mulheres e que continue a ser o grande defensor dos nossos mais legítimos interesses. A todas as mulheres enviamos, por intermédio deste jornal, a saudação amiga do Instituto Feminino do Serviço Construtivo e os votos de que, no mesmo clima de cordialidade e colaboração, prossigam os trabalhos da mulher pela melhoria das nossas condições de vida, na defesa da criança, na luta pelos seus direitos, na consolidação da democracia e da paz em todo o mundo.

Menor custo de produção

Os produtores cubanos empenham-se, neste momento, em uma campanha destinada a reduzir o custo de produção do açúcar cubano como fórmula para enfrentar a concorrência de outros produtores. Em recente comunicado divulgado num programa de rádio organizado pela indústria açucareira, lê-se que os preços elevados do açúcar animaram diversos países a estimular a sua produção açucareira. Países como o México, Colômbia, Argentina e outros americanos poderão, futuramente, surgir como concorrentes das exportações cubanas.

Se no futuro mais imediato, adverte o comunicado aparecido no "Diário de la Marina", de Havana, edição de 27 de julho próximo passado, não lograr a produção cubana manter sua posição privilegiada, haverá forte crise na economia do país. Os cubanos devem cuidar, pois, de produzir açúcar pelo menor custo possível, a fim de enfrentar, vantajosamente, a concorrência dos outros produtores.



No hall do Faubourg Saint Honoré, o Congresso Nacional das Mulheres, reunido em Paris, apresentou sob o título "NOUS, LES FEMMES" uma interessante exposição. Montagens fotográficas mostram aos visitantes o papel histórico das mulheres francesas desde Joanna de Arc até a Resistência, sua participação nos mistérios políticos da França e seu esforço de todos os dias para entreter uma felicidade duradoura no lar.

O CONGRESSO DA UNIÃO DAS MULHERES FRANCESAS

JEANNE-HELENE DHAISNE

Foi a inscrição da igualdade da mulher e do homem na nova Constituição de 1946 a causa de que as francesas adquirissem repentinamente consciência do importante papel que lhes estava reservado? Creio que esta igualdade enfim concedida é a consequência e a consagração da atividade das mulheres da França durante a guerra e sobretudo nas organizações da Resistência. Ninguém pensa mais em negar-lhes direitos iguais aos dos homens, pois, participaram da Libertação nas mesmas condições que aqueles.

Imediatamente após o término da guerra, na França, como em muitos outros países, as tarefas e preocupações cotidianas continuaram a ser para elas um fardo, mais pesado que nunca: Poder-se-ia esperar que não fossem capazes de suportar a carga e que a difícil luta pela vida lhes paralisaria o espírito. Uma mãe de família francesa, qualquer que seja a sua situação social, é obrigada a pensar constantemente nos meios de como alimentará e vestirá os filhos, inclusive no momento atual, em que se observam grandes melhorias no abastecimento

e aprovisionamento de matérias têxteis.

Mas, em vez de perder as perspectivas, emaranhando-se no labirinto de suas dificuldades pessoais, muitas francesas se lançaram ao estudo dos problemas, no conjunto, procurando soluções coletivas. E não só em relação aos difíceis problemas imediatos, como também no que se refere a uma melhor organização da vida da mulher e da família.

Fui testemunho disto, ao assistir ao Segundo Congresso Nacional da União das Mulheres Francesas. 2.500 delegadas reuniram-se numa imensa sala da região parisiense.

Na tribuna, ao lado de várias representantes eleitas, membros do Parlamento da República, pude observar as vestimentas brancas das delegadas de Tunis e da Argélia, os grandes lenços de seda com que se envolviam habilmente as elegantes delegadas das Antilhas, as brilhantes cabeleiras das indo-chinesas, pois, pela primeira vez, mulheres dos países de além-mar que fazem parte da União Francesas foram convidadas a assistir ao Congresso da Metrópole.

Vi tatuagens, estes sinistros algarismos pequeninos marcados no ante-braço das mulheres que conseguiram escapar dos campos de deportação e cujo retorno à vida, após a guerra, parecia um milagre. Várias destas patriotas participavam dos trabalhos do Congresso.

Anunciem em

"MOMENTO FEMININO"

"A Manha"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

E' o maior quintaferino do mundo



OS PREÇOS AUMENTAM

Os preços sobem e as solicitações esperadas não satisfazem.

Um exemplo é o caso da carne — liberação, aumento de preço e falta. No Catete, por exemplo, zona rica e tradicional pela concorrência, fomos conversar numa fila.

Uma senhora impaciente faz a sua reclamação em voz alta:

— Agora, tem cartão e sem carne. Já me disseram que é preciso dar "gorgôta" ao açougueiro. Tenho um filho doente do pulmão — preciso comer bife. Desde que foi resolvido o caso da carne, nunca mais foi possível comprar "filet".

Uma empregada continuava: — Agora tem osso, muito osso, deve portanto estar havendo mais carne. Uma colega me disse que compra em

Copacabana 5 quilos de filet — folgado! Também, um quilo ou meio, o açougueiro não se importa. Pobre come carne de vento ou de enopado.

Uma senhora, meio gorda, suando, apressada e pouco satisfeita, mais longe, falava por sua vez:

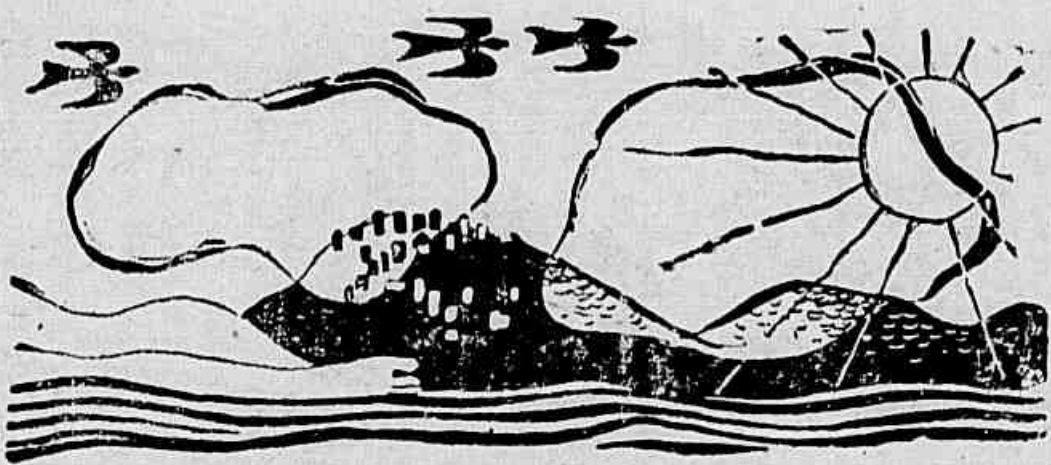
— Qual carne nada! Tapeação. Que estarão querendo agora! Tem carne, não tem carne.

Diminui a carne, aumenta o osso, sobe o preço, some a carne. Essa vida não vale nada: as empregadas então, não compram mesmo, são comodistas e aceitam tudo que os açougueiros impigem.

Uma doméstica defende sua classe:

— Agora tudo é câmbio-negro — até a rádio-patrolha.

Achamos graça e resolvemos abandonar o reduto dos açougueiros.



ASSIM É O MORRO DA FAVELA

Sem água, sem escola, sem posto médico, sem telefone, e sem serviço de esgotos

Se a ladeira do Faria é bastante grande e bastante difícil, a escadaria que vem depois, para alcançar o Morro da Favela, é muito pior. A Prefeitura nunca procurou melhorar aquele caminho, que é o de milhares de pessoas, milhares de mulheres, diariamente. As valas acompanhando as ladeiras e carregando todas as imundícies, enchem o ar de mau cheiro e de mosquitos. As autoridades sanitárias que andam fazendo um pouco de turismo pela cidade, bem podiam lembrar-se que os moradores daquele morro, não podem viver expostos ao perigo das infecções. O lixo anda espalhado, numa mistura de água suja e de crianças descalças. Não encontramos malandros, mas diversas mulheres que nos contam suas dificuldades e falam de suas necessidades mais urgentes.

ÁGUA, SEMPRE ÁGUA

Onde quer que andemos o clamor é por água. As poucas torneiras existentes naquele morro vivem completamente secas. Uma quantidade enorme de latas vazias ficam esperando em redor das torneiras. Como se pode viver sem água? É uma pergunta que o sr. Prefeito deveria responder. Será que a cassação de mandatos não poderia solucionar a falta d'água, a sede das mulheres da Favela?

Maria Stela de Menezes, que nos repete o que todas dizem — queremos água — não temos água — não podemos viver com sede — mostra de que maneira, num furo de habilidade, consegue apanhar um pouco d'água:

— Por aqui, passam os canos que levam a água para a Praia do Pinto e como existe um que está furado, eu ponho uma vasilha para apanhar a água, que vem, assim, pingada, como a senhora vê.

Faz muito bem. Não sabemos se a água chega, realmente, à Praia do Pinto. Um cano furado, para as mulheres da Favela é uma grande vitória. E, por favor, nós não temos a intenção de censurar, não mandem consertar o cano, pois, isso seria um grande prejuízo, para aquelas pobres mulheres! Nesses tempos em que as pessoas são assaltadas nas ruas, enquanto a rádio patrulha depreda o interior das

casas, desviar um pouco de água de um cano furado é uma solução. Se não nos lembrássemos, também, dos moradores da Praia do Pinto, desejariamos que todos os canos estivessem furados, para que as mulheres da Favela não levassem uma vida de camelo no deserto.

POSTO MÉDICO E TELEFONE PÚBLICO

Zuleide de Monte Oliveira diz-nos que a população dali não pode viver sem um Posto Médico. Os doentes têm que descer aquela escadaria e aquelas ladeiras, que os bons suportam a fôrça.

— Além disso, diz-nos Zuleide, nós não temos nem um telefone. Estamos completamente isoladas. Numa doença, numa necessidade, não temos para quem apelar. A Prefeitura esqueceu o Morro da Favela.

Quem fala, agora, somos nós: Só o Morro da Favela? NÃO HÁ UMA ESCOLA PÚBLICA

Gerusa Araújo Silva é quem fala:

— Aqui, em cima, não há uma só escola do governo. Os meninos descem para a Saúde, num sacrifício que só pode saber quem sobe essas ladeiras com fome. Sêde nem se fala. As mulheres têm que ir buscar água, lá em baixo, na Polícia Marítima. A sra. está vendo, o Morro da Favela não é nada do que dizem por aí. Só tem muito é miséria.

E passa a contar-nos uma história que ilustra bem as medidas que são tomadas a respeito do povo, isto é, medidas policiais.

— Uma mulher daqui, outro dia, estava me dizendo que a Favela precisa de um Posto Policial, para a polícia não viver fazendo desordens.

Naturalmente que é uma "blague" e mostra bem onde estão os malandros, os desordeiros, os espancadores.

AS MULHERES DA FAVELA QUEREM VIVER COMO GENTE

Sim, as mulheres da Favela querem viver como gente. Querem que a Prefeitura faça o serviço de esgotos. Querem um Posto Médico, uma Escola, um telefone público e água, mas não água roubada dos moradores da Praia do Pinto. E por isso lutarão organizadas e unidas.

Protestamos contra a miséria e a opressão

ANA MONTENEGRO

A vida das mulheres que lutam, na frente de combate ao fascismo, é um protesto à miséria e à opressão. Miséria e opressão que, sob a forma de fome, de falta d'água, de hospitais, de escolas, de habitações, e sob a forma de medidas policiais, são as características de grupos que governam contra a vontade, a economia e a consciência democrática do povo.

O nosso protesto de hoje é um protesto específico contra mais um crime praticado, num atentado à Constituição, que foi uma conquista dos homens e mulheres de todas as camadas sociais do Brasil. Protestamos contra a prisão de Adalgisa Cavalcanti, arrancada de sua casa, altas horas da noite, em trajes menores, numa violação aos seus direitos de cidadã e num desrespeito à sua condição de mulher. E o nosso protesto tem o sentido de resistência. E resistir é lutar, através de organizações populares, contra essas medidas imorais, que significam, apenas, o desespero da reação, combatendo os que pelejam por mais um pouco de pão para milhões de brasileiros explorados. Servem, também, para desmascarar a campanha feita em nome da "família" e da "civilização cristã".

Realmente, nós, mulheres que lutamos por justiça e pão, para nossas irmãs que moram nos morros, que perdem a saúde no ambiente sujo das fábricas, que não têm onde deixar os filhos pequenos, não pertencemos à família dos que se estiram na praia todos os dias e gastam as horas da noite

nos Cassinos de Copacabana. Não pertencemos à família dos que se distribuem confortavelmente dentro dos apartamentos luxuosos, dos que se enchem e se divertem às custas da tuberculose e da mortalidade infantil. Nós, e Adalgisa Cavalcanti, é uma das nossas, compreendemos a família como um grupo que a fome não separa e que a exploração dos patrões nacionais e estrangeiros não relega à miséria das favelas sem água, onde a morte chega mais depressa do que a assistência pública. A nossa luta é por essa espécie de família. As nossas reservas de ternura e de amor não são vendidas a preços de casacos de peles, mas transformadas em motivos de luta por um mundo em que as mulheres tenham o direito de ser mães, direito de ser felizes.

Por acaso, defender a família é arrancar mulheres sem-nos de seus lares? E' separá-las dos filhos, aproveitar

tando calúnias, invenções, provocações, perseguições, como no caso de Adalgisa? Defender a família é enfiar as mulheres a lutar, organizadamente, por uma vida em que não falte o pão, o leite, a carne, a água, a casa, o emprego. Que espécie de "civilização cristã" é esta que manda matar, espancar, prender, e selvageria de montros e tiranos?

A prisão de Adalgisa não amedronta as mulheres. Sentem, agora, maior necessidade de união e organização porque só assim evita-se que aconteceu em Pernambuco. E mesmo que se a mulheres organizadas não vão à altura de resistir a tanta de respeito policial, as mulheres não foram assustadas em Belson, Dachau e em outros campos de concentração, para que os mesmos defensores das famílias destruíssem. Por isso, protestamos contra os desrespeitos policiais e a prisão de Adalgisa, num sinal de resistência através de uma luta, cada vez maior, por melhores condições de vida.

Nossas reservas de ternura e de amor que os dólares americanos não conseguem transformar em bugigangas de plástico, essas reservas de ternura e de amor das mulheres do Brasil, serão a própria fôrça e a própria base de nossa luta, em defesa da felicidade das famílias. Quebrem essa felicidade através de trabalho construtivo de progresso para a Pátria e de paz para todos os povos.



Vida cara, vida muito cara

A subida dos preços dos gêneros de primeira assusta a gente. Tu o sabe e quando há para comprar é de tal maneira caro que torna-se impossível. Um jornal publicou há dias uma tabela de aumento de preços que reproduzimos aqui, pedindo as nossas leitoras que nos ajudem neste combate à carestia. Como? Ingressando nas Uniãos Femininas de seus bairros, mandando-nos notícias sobre os preços em seus locais de residência, colaborando conosco para o combate aos açambarcadores e à política de preços altos.

Vejamos as tabelas de preços com o aumento de alguns gêneros em proporções:

	maio	dezembro
pão	5,00	7,50
manteiga	20,00	30,00
feijão	2,50	4,50
farinha de trigo	5,00	7,00
café (pó)	0,50	1,00
batata	4,00	4,00
banha	30,00	4,00



ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5.423

Escritório:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel. 23-4295

RAINHA DAS ARTISTAS



Aimée a vencedora do concurso para Rainha das Artistas em 1947, apesar do voto contrário do General Dutra, do Chefe de Polícia e de alguns ministros — Aimée naturalmente, tem mais votos de democratas... daí a vitória

PARA A SUA BELEZA

O «rouge» e o perfume

— Desde algum tempo os grandes modistas parisienses vendem com cada vestido, o perfume que se lhe adapta perfeitamente. Atualmente, recomendam para cada "toilette" um "rouge" cuja cor combina com por cento com o seu padrão. As maiores casas de moda expõem grande quantidade de "rouges", em estojos suntuosos, nas mais bonitas e originais cores que se pode inspirar.

Use cabelos curtos, de noite, antes de acitar, enrole as pontas das madeixas em cachinhos fixados por grampos. Cubra sua cabeça com uma rede e durma. No dia seguinte bastará ajeitar o cabelo em cachos grossos caídos sobre a nuca, ou numa massa vaporosa do mais lindo efeito. Se tiver que sair de noite, torne a fazer essa "mise en plis" uma ou duas horas antes de vestir-se.

A maquilagem

— Deve ser discreta... e resistente, a fim de que não tenha que fazer retoques cada cinco minutos, o que só pode exasperar seus pares de dança... e todos os homens em geral. Passe no rosto um "leite" do tom de sua pele, aplique o "rouge", depois uma camada de pó de arroz bastante claro, e outra camada mais escura.

Nos lábios, um "baton" de cor natural; nas pestanas uma máscara marinha, se tiver olhos azuis, marron se os tiver castanhos ou pretos, e nas palpebras ligeiro toque de pintura gordurosa, azul cinzento ou roxo.



FANTASIAS PARA 1948

PARA O CARNAVAL DESTES ANO, APRESENTAMOS AS NOSSAS LEITORAS, ALGUMAS DAS FANTASIAS MAIS COTADAS PARA AS FESTAS CARNAVALESCAS.



MARINHEIRINHA

Calça comprida azul marinho. Pode ser também calça três quartos, que é mais fresca para os dias de calor. A blusa, de listinhas atravessadas justa na gola. Mangas japonesas. As listinhas podem ser azul e branco ou vermelho e branco. Faixa vermelha na cintura e bonet de marinheiro. Esta é uma fantasia fácil de fazer e útil também, pois pode ser aproveitada depois do carnaval.

LEGIONÁRIO

Blusa branca, enfeites azuis na ombreira, nos punhos e na gola esporte. Bólso ao lado. Calças presas ajustadas no meio da perna, com uma bota branca. As calças podem ser de gorgorão preto ou de brim azul marinho. Casquete azul ou preto, com um pano branco caindo atrás. Divisas de soutache vermelho no chapéu.

CIGANA

A fantasia de cigana é muito conhecida. Vamos dar uma variante da cigana, que é também muito bonita. A blusa branca, de organza ou opala bem fininho. Decote redondo, fransido, por onde passa uma fita vermelha fazendo laço na frente. Mangas bem fransidas e elástico também na cintura. A saia bem rodada, e fransida. Faça uma pala bem larga, ajustada até os quadris. O fransido começa desse ponto. Se a saia for de setim, faça a pala de uma cor só, vermelha ou azul e a parte fransida, em listas largas de diversas cores. Mas pode fazer a saia de algodão com as listas verticais em diversos estampados. Na cabeça, um lenço da mesma cor da saia, com moedinhas. Colares de medalhas, pulseiras e brincos.

BAIANA DO TABULEIRO

Esta é uma das fantasias clássicas do Carnaval. A blusa, branca, curta, com babado na ponta e decote grande com babado também que forme as mangas. Saia ampla, bem fransida, estampada. Na cabeça um lenço e em cima uma cestinha de frutas ou flores. Colares de contas coloridas e brilhantes. Pulseiras das mesmas contas.

ODALISCA

Com as músicas de carnaval deste ano, a Odalisca vai entrar em cena. Arranje organdi de algodão, azul bem claro. Faça a blusa, de manga comprida, esporte. A calça do mesmo tecido, bem larga, presa com elástico no tornozelo. Na cintura uma pala em triângulo. Como a calça é muito transparente, faça também um calção de fazenda branca, até os joelhos, de forma que a calça de fora fique bem larga e bulante. Um bolero sem mangas de veludo preto, bordado com lan-tejouts espalhadas, e um casquete preto, também de veludo, com um véu do mesmo organdi azul da fantasia.



A União Feminina de Madureira faz um belo relatório dos seus trabalhos

EXPERIÊNCIAS PARA OUTRAS UNIÕES

No ano de 1147, foram estas as realizações da União Feminina de Madureira:

1 — Forneceu às associadas gêneros de primeira necessidade como sejam: Banana, feijão, arroz, cebola, tecidos populares.

2 — Foi inaugurado um departamento médico e jurídico. Atendendo sugestões de várias associadas foram fundados vários cursos: Corte e Costura, Pintura e Alfabetização. Foi organizado o Natal das Crianças Pobres.

3 — Foram feitas várias visitas às ruas e morros do nosso bairro. Está em organização uma pequena biblioteca.

Ao ser fundada a União Feminina de Madureira, em 23 de dezembro de 1946, o problema mais sentido das mulheres, era a falta de banha, que estava no câmbio-negro e so era vendida por preços acessíveis nos mercadinhos, onde era necessário permanecer em fila durante várias horas. A União procurando melhorar esta situação, adquiriu junto às autoridades competentes, banha, que a princípio era vendida a Cr\$ 12,50 mas que foi aumentada por várias vezes pela I efeitura, nem sempre a preços mais reduzidos que nos armazéns, onde era vendida a Cr\$ 28,00 e sem os inconvenientes das filas.

Este primeiro passo da União no sentido de combate à carestia, conseguiu atrair grande número de associadas, chegando mesmo a contar com seiscentas associadas, mas a direção não teve capacidade de assimilar os seus problemas, procurando resolvê-los e, assim, fazer com que elas sentissem de fato que a União existia para auxiliá-las no sentido de melhoria de vida. Quando as sócias começaram a se desinteressar da União, procuramos saber as causas e ao chegarmos às conclusões acima procuramos de novo atraí-las, indo de encontro às suas necessidades. Assim, inauguramos um posto médico que foi muito bem recebido por nossas associadas, havendo, porém, o problema dos remédios, pois a maioria de nossas sócias vive em situação financeira tão precária que muitas vezes a União é obrigada a comprar os remédios. Já estamos providenciando junto aos laboratórios para que nos forneçam amostras gratuitas de seus remédios.

Os cursos têm tido grande aceitação, principalmente o de Corte e Costura. Temos, porém, grande necessidade de máquina de costura e como não temos possibilidades de adquiri-la, pois, não temos quase nenhuma finança, estamos fazendo um movimento

entre as sócias, para a compra desta máquina. Os demais cursos não têm tido grande frequência, como sucede com o de pintura, por ser muito alto o custo dos materiais mas, mesmo assim, estão em funcionamento.

Uma das realizações que mais benefícios trouxe à União foi, sem dúvida, o Natal das Crianças Pobres, pois distribuímos com a cooperação do comércio de Madureira, vestidos, calças, blusinhas e camisas para meninos. Conseguimos também vários doativos em dinheiro, com o qual compramos brinquedos, no que erramos pois, se as crianças pobres aceitavam com mais alegria, achamos que as mães preferiam mais as roupas. Esta festa trouxe-nos um grande número de associadas que antes não tinham ouvido sequer falar na União.

Foram feitas várias visitas às ruas e morros do nosso bairro onde procuramos saber

dos problemas das mulheres em suas casas e ruas.

Vimos lá as péssimas condições em que vivem as mulheres, morando em casas sem higiene e conforto, ruas sujas, sem água nem exgotos, sem calçamento e mal iluminadas.

O problema da água em Madureira é terrível, pois há ruas que ficam sem água de quinze a vinte dias.

Fizemos vários memoriais às autoridades sobre esta angustiosa situação, tendo sido em parte atendidas, como sejam: limpeza de ruas, construção de um abrigo para o ponto do b.c. de Madureira-Penha, Madureira-Irajá.

Estas foram as realizações da União Feminina de Madureira no ano de 1947. Compreendemos, agora, que poderíamos ter feito muito mais, porém, a nossa falta de compreensão dos problemas e dos meios para resolvê-los não permitiu que fôsse o nosso

Crèches para as crianças brasileiras

Sobre o projeto 1.155 apresentado pelo Deputado Gregório Bezerra à Câmara Federal, que institue a instalação de creches em todo o território Nacional, ouvimos várias mulheres de diversas profissões. Vejamos o que acham sobre o projeto, as mulheres cariocas:

Norma, comerciária, trabalhando na A. N. O. T. A.

— Li o projeto no "Momento Feminino". Achei ótimo. Mas não creio que seja aprovado. O tal Parlamento nada pretende fazer para o povo. Até hoje nada saiu de bom. Mas se esse projeto fôsse aprovado, nós muito teríamos a ganhar. Principalmente as comerciárias, pois quando casamos temos que largar o emprego. Onde deixar os filhos? Com a falta de empregadas, falta de habitações, e tudo o mais, é mesmo um crime ter filhos... Pôde dizer no seu jornal que estou disposta a levar adiante a idéia de fazer todo o possível para que o Projeto 1.155 seja aprovado.

Leonora Souza, do Colegio Otati, professora primária, declarou:

— Nós, professoras, não estamos muito unidas. Cada uma pensa em si. O projeto 1.155 viria a favorecer a todas nós. Mesmo porque, a criança brasileira teria maior proteção e nossa tarefa de professoras seria mais fácil. Nas escolas públicas, a situação é ainda pior do que aqui. Crianças mal alimentadas, nem mesmo podem prestar atenção às aulas. E isso vem desde a primeira infância. Gregório Bezerra tem razão. A criança do Brasil, nasce com fome, vive poucos anos e morre devido à fome. "Momento Feminino" deve levar avante a sua campanha. Estarei pronta a colaborar.

trabalho mais produtivo. Mas, para o ano de 1948, quando pretendemos aumentar os nossos departamentos de ensino com aulas diurnas para crianças, cursos de dactilografia, fundarmos uma agência de empregos, organizar uma cooperativa de consumo, etc., os

trabalhos melhorarão. E com as experiências do ano passado poderemos, — quem sabe? — de fato consolidar a União sobre as bases de um trabalho bem orientado e produtivo.

Rio, 23 de janeiro de 1947
— Bertina Blum, presidente.

A capacidade da mulher casada

NICE DE FIGUEIREDO

SEGUNDO a lei, a mulher casada tem muito pouco a fazer, além das obrigações domésticas. Suas atividades, de acordo com os artigos de lei elaborados no ano de 1916, devem se ater ao âmbito do lar ou então devem ser autorizadas e fiscalizadas pelo marido. Para limitar as atividades das mulheres a lei, coerente com ela própria, criou a "autorização marital" assim como criou "a outorga da mulher" também para limitar certas atividades de cunho financeiro do marido. A grande diferença está em que "a autorização do marido" atinge todas as atividades da mulher, relacionadas com o patrimônio do casal, assim como as atividades só relacionadas com os bens particulares da mulher, como também todas as atividades aparentemente pessoais da mulher mas que tenham um aspecto, mesmo longínquo, de financeiro, de patrimonial.

Assim é que a lei exige tanto a outorga da mulher como o consentimento do marido para os casos de venda, hipoteca e outras operações com os imóveis do casal, como litigar sobre eles, ou prestar uma fiança, ou fazer doações que não sejam remuneratórias ou de grande valor.

Qualquer um dos cônjuges, para realizar uma dessas operações, tem de obter o consentimento do outro. Mas se o marido, por exemplo for contemplado com um bem ou quantia em um testamento qualquer, ele pode aceitar ou não o legado ou herança, independente da manifestação da mulher.

Se, ao invés, a herança ou o legado são atribuídos à mulher ela só poderá aceitá-los depois do marido manifestar o seu assentimento, ou terá de se conformar em não recebê-los caso o marido não dê o seu "cumpra-se" o que, compreende-se logo, é muito raro.

Como explicar essa diferença de tratamento que a lei deu aos cônjuges?

Os intérpretes do texto legal apresentam duas razões, uma de ordem moral, outra patrimonial.

O argumento moral é a necessidade de velar pela dignidade da família, porisso o marido deve ser consultado a fim de não permitir que sua mulher receba um legado, por exemplo, de um amante, o que por certo

poria em jogo o decôro da família e sobretudo seria uma afronta a dignidade do próprio marido.

E' forçoso convir que tal argumento é inconsistente, porque além de criar uma situação vexatória para a mulher, pois vale como uma presunção de indignidade para toda mulher casada, foge inteiramente à lógica, pois assim como a mulher casada pode receber uma herança ou legado de um amante, o marido pode também receber de uma concubina. Tanto é indigna a herança ou legado que provém daquela como desta fonte. Não se explica porque se atribue essa vigilância ao marido e não se dá à mulher o direito de velar, ela também, pelo decôro da sua família.

A razão de ordem patrimonial é também insustentável, pois que se traduz na conveniência de verificar quais os benefícios e os prejuízos que a aceitação ou repúdio de herança ou legado pela mulher, podem trazer para o patrimônio do casal. Como o marido é o chefe ele é quem verifica essa conveniência. Mas, restamos, então, indagar por que a lei não protege o patrimônio do casal contra a aceitação de uma herança onerosa que o marido venha a fazer? por que permite que o marido aceite com prejuízo ou repudie uma herança ou legado que viriam melhorar a condição financeira da família?

A presunção absoluta de capacidade do homem para a realização de transações é tão absurda como a presunção de inabilidade absoluta da mulher. Tanto um como o outro podem falhar e o lógico seria que tanto um como outro cônjuge fôsse ouvido para concordar ou discordar da atitude do seu consorte, ou então que coubesse ao magistrado a apreciação da conveniência moral e patrimonial da questão.

Aliás, a própria lei, sentindo a arbitrariedade do direito que atribuiu ao marido, admite que a mulher procure suprir a negativa do marido com a autorização do juiz o que equivale, em última análise, à sugestão apresentada anteriormente.

O que não se pode aceitar é a argumentação dos comentadores, pois além de falsa, não atinge a finalidade apontada, que é a salvaguarda do patrimônio moral e financeiro da família.

— Que é? Que foi que aconteceu, mana? — perguntou a senhora Tulliver, que não era uma mulher imaginosa, mas a quem ocorreu que o largo espelho do quarto de dormir da mana Pullet, aliás o melhor quarto, possivelmente se houvesse quebrado pela segunda vez.

Não houve resposta, mas com um brusco gesto de cabeça, a senhora Pullet levantou-se vagarosamente e saiu do carro, não sem relancear um olhar para o senhor Pullet, para ver se ele tinha preservado seu elegante vestido de sêda de algum estrago.

O senhor Pullet era um homem pequeno, de nariz grande, olhos meúdos que piscavam sem parar, lábios finos, sempre bem vestido, de preto, com uma gravata branca cujo laço atado com muito cuidado parecia mais feito com alta sabedoria do que amarrado por acaso pela própria pessoa. Procedia sempre em combinação com a mulher, que era alta e vistosa, com suas mangas de balão, sua capa abundante, seu grande chapéu enfeitado de penas e fitas, como um barco de pesca conduzido por um brigue com tôdas as velas abe-tas.

E' uma vista patética e um exemplo frisante da complexidade introduzida nas emoções por um grande estado de civilização — a vista de uma senhora ricamente vestida e em apuros. Da tristeza de uma hotentote para a de uma mulher com grandes mangas armadas, com inúmeros braceletes em cada braço, o chaféu arquitetônico com delicados atacadores de fitas — que grande, que enorme distância! Nos esclarecidos princípios da civilização, as manifestações características da tristeza devem ser reprimidas e disfarçadas de maneira sutil, o que cria um interessante problema para o espírito analítico. Assim, como o coração angustiado e os olhos meio encobertos pelo véu das lágrimas, a sra. Pullet precisava se dirigir com um passo digno para o vão da porta, onde amassaria as mangas armadas de entretela. No fundo a consciência dessa possibilidade resultou numa composição de forças que clarearam perfeitamente a abertura da passagem. Percebendo que as lágrimas iam diminuindo, a senhora desarmou as fitas do chapéu e puxou-a lânguidamente para trás — gesto tocante, nos tempos em que os chapéus amarrados ainda tinham encanto, indicativo de que ainda na mais profunda mágoa havia esperanças no futuro. As lágrimas estancaram um pouco. E com a cabeça inclinada para trás, de modo que não estragasse o toucado, a sra. Pullet transpôs aquêle terrível momento em que a tristeza, à custa de tantas coisas aborrecidas, tinha também ficado

aborrecido. Olhou pensativamente para os bracetes, ajustando-lhes os fechos com aquela estudada casualidade que ser a mais natural se ela estivesse em estado de espírito mais calmo e saudável. Limpando cada umbral da porta com grande perfeição, com a largura de seus ombros (naquella época uma senhora seria verdadeiramente ridícula para olhos entendidos, se não medisse quase um metro e meio de ombros) ensaiando os músculos da face para novas lágrimas a sra. Pullet dirigiu-se para a sala, onde a senhora Glegg estava sentado.

— Oia, manã, você está atrasada! Que aconteceu? — indagou a senhora Glegg um tanto ríspida, enquanto se cumprimentava.

A senhora Pullet sentou-se, tirando antes a manta, cuidadosamente, antes de responder:

— Ela foi-se! — disse, usando inconscientemente uma inexpressiva figura de retórica.

“Então não foi o espelho, desta vez...” — pensou a senhora Tulliver.

— Morreu anteontem! — continuou a senhora Pullet. — Uma das pernas dela estava tão grossa como meu corpo — Fêz uma pausa e continuou: — Não lhe fizeram a operação a tempo, e era tanta a água que saiu, que disseram que até se podia nadar nela, se se quisesse.

— Bem, Sofia, foi um beneficio ela ter-se ido, senão o que seria dela? — comentou a senhora Glegg, com a presteza e o ênfase de um espírito naturalmente claro e decidido. — Mas não sei a respeito de quem você está falando?!

— Mas eu sei, — disse a senhora Pullet, suspirando e abanando a cabeça. — Não havia outra mulher hidrópica assim, em toda a paróquia. Só havia a velha senhor Sutton, de Twentylands.

— Pois é, esta não é parenta nossa, nem tem muitas relações, segundo ouvi dizer! — afirmou a senhora Glegg, que geralmente chorava mais que o necessário quando sucedia alguma coisa para os seus parentes, mas não em outras ocasiões.

— Mas eu a conheci tanto e até vi quanto suas pernas estavam inchadas! Era uma senhora idosa, que redobrou a fortuna muitas e muitas vezes, e conservou-a toda para o seu tratamento, até o fim. Tinha a bolsa e as chaves sempre embaixo dos travesseiros... Creio que não havia muitas paroquianas semelhantes a ela!

— Disseram lá que ela tomou tanto medicamento como um vagão se carrega de óleo, — observou o sr. Pullet.

— Ah! — fez a senhora Pullet. — Ela nunca teve aborrecimentos durante muitos anos, antes da hidropisia, e os médicos nada puderam fazer. Lem que ela me disse quando a fui visitar, no último Natal: "Senhora Pullet, se a senhora algum dia tiver uma hidropisia, lembre-se de mim". Ela disse isso! — A senhora Pullet começou a chorar mais alto ainda: — Estas foram as suas últimas palavras! Agora, vai ser enterrado no próximo sábado, e Pullet está providenciando sobre o enterro.

— Sofia! — protestou a senhora Glegg, incapaz de conter por mais tempo o seu espírito natural de admoestação, — Sofia, muito me admira que você sacrifique e prejudique sua saúde por gente que não pertence à sua casta! Seu pobre pai nunca fez isso, nem sua tia Frances tampouco, nem alguém da família, segundo ouvi dizer. Você não pode gastar-se demais, como o nosso primo Abbott que morreu repentinamente, sem tempo de fazer testamento.

A senhora Pullet ficou em silêncio tendo acabado de chorar, mais orgulhosa do que indignado de ser censurada por chorar tanto. Não era todo o mundo que podia chorar assim, por vizinhos que não lhes deixariam nada. Mas a senhora Pullet tinha desposado um farenheiro fino, que tinha posição e dinheiro para elevá-la, como lamentos e muitas coisas mais, ao mais alto pináculo da respeitabilidade.

— A senhora Sutton não morreu sem testamento, — disse o senhor Pullet, com uma convida sensação de que estava dizendo qualquer coisa para justificar as lágrimas de sua mulher. — A nossa parquia é de gente rica, porém dizem que não tem mais ninguém para lhe deixar tanto dinheiro como poderia a senhora Sutton. Ela não deixou legados, ou melhor — deixou-os em massa para os sobrinhos do marido.

— O que prova que não é muito bom ser tão rico, — afirmou a senhora Glegg — quando não se tem ninguém, senão os parentes do marido para deixar tudo. É uma tolice, quando a única coisa que se fez foi privar-se do necessário. Não falo de mim, que sou uma dessas que gostaria de morrer sem deixar um tostão a juros. E a história peora muito, quando o dinheiro precisa sair de sua própria família.

— Eu acho, mana, — disse a senhora Pullet, que já estava suficientemente restabelecida para tirar o véu e dobrá-lo cuidadosamente — que foi a uma boa espécie de homem que a senhora Sutton deixou o dinheiro. Ele mesmo me contou sua vida, tão expansivo quanto se

pode ser — num domingo, quando fomos a igreja. Usava uma pele de lebre sobre o peito e tinha um tremor na voz — parecia um homem fino. Quando eu contei que fazia muitos me-es que não passava pelas mãos de um medico, ele me disse: "— Sennora Pullet, pois eu sinto muito, pela senhora". Foi o que ele disse, com estas proprias palavras! Ah! — exclamou a senhora Pullet, balançando a cabeça, a ideia de que seriam poucos os que poderiam compreender as coisas com a sua experiencia de misturas cor-de-rosa e misturas brancas, de essências fortes em garratas pequenas e essências fracas em garratas grandes, pilulas a 1 shilling e remedios a 8 pence. — Mana, o melhor e eu tirar meu chapéu agora. Você viu onde puseram a caixa de chapéus? — perguntou, dirigindo-se ao marido.

Pullet, por um inconfessavel lapso de memória, tinha-se esquecido disso. Porisso precipitou-se, com decida conciencia para remediar a omissao.

— Levaram-na para cima, Sofia, — informou a senhora Tulliver, desejando ir buscá-la antes que a senhora Glegg pudesse começar a explicar seu sentimento a respeito de Sofia ser a unica Dodson que arruinava a saude com remedios de médicos.

A senhora Tulliver ficou satisfeita de ter subido com sua irmã Pullet, e pôs-se a examinar a touca que ela ia por na cabeça, conversando sobre modas em geral. Isso fazia parte da fraqueza de Bessy, e provocava a compaixão da senhora Glegg. Gessy saia a rua relativamente muito bem vestida, e tinha muito orgulho de vestir a filha com boas roupas, dadas pela mana Glegg nos primeiros tempos do seu guarda-roupa. Achava um pecado e uma vergonha comprar qualquer coisa para vestir a criança, a não ser, de vez em quando, um par de sapatos. Neste particular, não obstante, a senhora Glegg fazia injustiça a mana Bessy, porque a senhora Tulliver realmente fazia grandes esforços para fazer a filha usar uma touca enfeitada e um vestido de seda tinto, reforma de um que foi da Tia Glegg. Mas o resultado fora tal que a senhora Tulliver se viu obrigada a guardá-lo em segredo, em seu coração materno: Maggie declarou que o vestido cheirava a coisa tinta, e deu jeito de cobri-lo de molho de carne assada no primeiro sábado que o vestiu. Arranjando esta plausível desculpa, ela usava com muita pompa somente o vistoso chapéu de fitas verdes, que parecia um lindo queijo enfeitado de alfaces murchas. Para que ela o usasse foi preciso animar Maggie, porque Tom caçoava dela quando punha o

chapéu, dizendo-lhe que ficava parecida com o velho Yndy. A tia Pullet também fazia presentes de roupas, mas essas eram sempre bonitas e satisfaziam tanto Maggie quanto a mãe. Entre todas as suas irmãs, a senhora Tulliver preferia a sra. Pullet, não sem uma retribuição de preferência. Porém a senhora Pullet ficava triste por Bessy ter filhos tão travessos e desobedientes. Por eles ela faria tudo o que pudesse, mas era uma pena não serem tão bons nem tão bonitos como a filha da mana Deane. Maggie e Tom, de sua parte, achavam a Tia Pullet tolerável, principalmente por ela não ser a Tia Glegg. Tom sempre se negava a ir mais de uma vez, nas suas férias, visitar algumas delas. Ambos os seus tios o corrigiam quando precisava, é certo; mas na casa da Tia Pullet havia muito sapo para pegar na adega, e por isso ele preferia visitá-la. Maggie tinha medo dos sapos e sonhava coisa horríveis com eles, mas gostava da casa da tia Pullet para ver a caixa de música, para rapê, que ela possuía. Chegara até a ser decidido, entre as irmãs, na ausência da senhora Tulliver, que o sangue dos Tulliver não fizera boa mistura com o dos Dodson. De fato, os pobres filhos de Bessy tinham saído aos Tullivers, e Tom, não obstante ter a complexão dos Dodsons, seria provavelmente um "contrário", como o pai. Quanto a Maggie, era o retrato da Tia Moss, irmã de Tulliver — uma mulher grande e descarnada que se tinha casado tão pobremente quanto é possível imaginar. Não tinha porcelanas chinesas, e possuía um marido que lutava com grandes dificuldades sempre que precisava pagar o aluguel.

Quando a senhora Pullet se viu sozinha com a senhora Tulliver, lá em cima, a conversa se desviou naturalmente sobre os defeitos da senhora Glegg, e elas concordaram, confidencialmente, em que não compreendiam porque a mana Jane chegara tão cedo. A intuição foi cortada com o aparecimento da senhora Deane com a pequena Lúcia. E a senhora Tulliver teve que guardar um silêncio angustioso, rotando como os cachos louros de Lúcia permaneciam arrumados no lugar. E' quase incompreensível que Deane, a mais magra e pálida de todas as Dodsons, tivesse podido ter uma filha que mais parecia ter nascido da senhora Tulliver! E' Maggie parecia sempre mais morena do que de costume, quando estava ao lado de Lúcia.

Assim foi nesse mesmo dia, quando ela e Tom voltaram com o pai e o Tio Glegg do passeio no jardim. Maggie havia tirado a touca, muito desastradamente, e, chegan-

do com os cabelos alvoroçados e despenteados, precipitou-se para Lúcia que estava sentada nos joelhos da mãe.

Certamente o contraste entre as duas primas era evidente, e, para os olhos superficiais, a desvantagem seria para Maggie, naturalmente, enquanto que um conhecedor verdadeiro poderia ver certos traços nela que eram uma grande promessa para mais tarde, ao contrário da perfeição inata de Lúcia. Era como o contraste entre uma cachorrinha escura e mal tratada e uma gatinha branca. Lúcia aprontou logo a boca rósea e linda,inho torneado, com o colar de contas de coral; o nariz para ser beijada. Tudo nela era perfeito — o pescocinho reto, não muito grosso; as sobrancelhas claras, um pouco mais escuras do que os cachos, que combinavam com os olhos côr-de-avelã, olhando para Maggie, mais alta do que olhava sempre com deleite para a prima. Sentia-se feliz em fantasiar um mundo, onde as pessoas nunca ficassem maiores que as crianças da idade delas, e imaginava a rainha parecida com Lúcia, com uma pequena coroa na cabeça e um pequeno cetro na mão — só que a rainha era Maggie, sob a forma de Lúcia.

— Oh Lúcia! — ela exclamou depois de beijá-la. — Você quer vir brincar com Tom e comigo, quer? Ande, beije-a, Tom!

Tom também chegou perto de Lúcia, mas não para beijá-la, não. Veio junto com Maggie por julgar isso mais fácil, dizendo afinal: — “Como vão?” para todos os tios e tias. Não ficou olhando para coisa alguma em particular, muito vermelho, com ar acanhado e um meio-sorriso, tão comuns em meninos tímidos que estão — de muita gente, como se eles tivessem vindo ao mundo por engano e tivessem sido encontrados num embaraçoso grau de nudez.

— Olá! — fez a senhora Glegg, com grande entusiasmo. — Então meninos e meninas! Entram numa sala sem falar com os mais velhos? No meu tempo não era assim!

— Vão cumprimentar suas tias e seus tios, meus filhos, — mandou a senhora Tulliver, aflita e melancólica, pois queria dar ordem, em segredo, para Maggie ir pentear o cabelo.

— Bem, e vocês como vão? Espero que vocês sejam bem comportados, vocês são? — perguntou a Tia Glegg, com o mesmo modo alto e enfático, quando lhes apertou as mãos, machucando-as com os seus anéis, e beijando-lhes as faces muito contra a vontade deles. — Olhe aqui,

Tom, olhe bem. Meninos que vão para o colégio interno devem trazer a cabeça alta. Olhe para mim, assim!

Tom declinou dêsse prazer, puxando disfarçadamente a sua mão.

— Ponha o cabelo para trás das orelhas, Maggie, e arranje o casaco nos ombros!

Tia Glegg sempre falava com êles em tom áspero e alto, como se os considerasse surdos ou talvez um pouco idiotas. Era um meio, pensava ela, de os fazer sentir que eram criaturas responsáveis. E as correções são salutaras para as más tendências. "Os filhos da Besy são tão mal educados que precisam de alguém que lhes faça sentir seus deveres".

— Bom dia, meus queridos — disse a Tia Pullet com voz compadecida. Vocês estão crescendo muito. Tenho medo que cresçam demais e fiquem fracos. — Com tristeza, ela olhou para a irmã, — Acho que o cabelo da menina está grande demais. Eu o deixaria mais ralo e cortado mais curto, mana, se fôsse você. Assim não é bom para a saúde dela. E' isto que faz a pele dela tão morena que até assusta. Não acha, mana Deane?

— Não sei dizer com certeza, mana, respondeu a interpelada, conservando os lábios outra vez apertados, e voltando para Maggie os olhos críticos.

— Não há nada! disse Tulliver. As crianças têm bastante saúde e não têm doença nenhuma. Existe tanto o trigo mourisco ou vermelho como o branco. E muita gente prefere o escuro... Mas seria bom que Bessy tivesse cortado o cabelo da menina, porque assim ficaria mais assentado.

Uma horrível resolução se havia formado no coração de Maggie. Mas a menina estava impedida de executá-la, pelo desejo que tinha de saber de sua tia Deane se deixava Lúcia ficar mais tempo no moinho. Tia Deane nunca deixava Lúcia vir vê-los! Depois de várias razões de recusa, a senhora Deane apelou para a própria Lúcia:

— Você não gosta de ficar aqui, sem sua mãe; não é, Lúcia?

— Gosto sim, mamãe, deixe, por favor! — pediu a menina timidamente, corando muito, desde o pescoço.

— Está bem, minha filha! Deixe-a ficar, mulher, deixe-a ficar, — disse o marido, um grande corte de homem, porém esperto, com um tipo físico que se encontra em qualquer classe da sociedade inglesa — calvo, suíças, vermelhas, a fronte alta, e uma solidez geral, sem ser pesada. Podem-se ver nobres como o sr. Deane, mas também se encontram vendeiros e operários parecidos com

êle. A agudeza de seus olhos castanhos, entretanto, era menos comunicativa que seu perfil. Ele segurava uma caixa de rapé, de prata, e de vez emquando trocava uma pitada com Tulliver, cuja caixa era somente montada em prata. Porisso naturalmente era uma brincadeira entre êles, que Tulliver quisesse trocar também as caixas de rapé. A do senhor Deane lhe fôra dada pelos chefes da firma a que pertencia, ao mesmo tempo que lhe deu uma parte nos negócios, em reconhecimento pelos seus serviços como gerente. Nenhum homem era tão altamente conceituado em St. Ogg's como o sr. Deane, e algumas pessoas eram de opinião que das Dodson, sua mulher era quem melhor se havia casado, passeando sempre numa carruagem melhor, e morando numa casa mais rica até do que a da sra. Pullet. Não se sabia onde êsse homem ia parar, pois tinha um grande moinho, negócios de construção de navios como aquêle da Guest & Cia., com negócios bancários compreendidos. E a senhora Deane, como suas amigas observavam, era, porisso, orgulhosa e cheia de si. Não seria ela que deixaria o marido ter sossêgo nêsse mundo, por falta de estímulo.

— Maggie, — disse a senhora Tulliver, chamando a filha para perto de si e segregando-lhe ao ouvido, logo que foi resolvido que Lúcia ficasse — vá pentear o cabelo, vá, tenha vergonha! E não volte aqui antes de ir falar com Marta primeiro. Ande, vá!

— Tom, venha comigo, — cochichou Maggie, puxando-o pela manga, quando passou pelo irmão. O menino seguiu-a voluntariamente. — Suba comigo, Tom, — ela murmurou, quando já tinham passado pela porta. — Quero fazer uma coisa antes do almoço.

— Não há tempo para brincar de coisa alguma antes do almoço, — lembrou Tom, cuja imaginação estava impaciente por alguma immediata perspectiva.

— Dá tempo, para o que eu quero dá tempo. Venha, Tom.

Tom seguiu Maggie pela escada, entrando no quarto da mãe, e viu-a dirigir-se então para uma gaveta, da qual tirou uma grande tesoura.

— Que é que você vai fazer, Maggie? — perguntou Tom, sentindo excitada a sua curiosidade.

Maggie respondeu segurando as melenas do cabelo da fronte e cortando-os rente até o meio da testa.

— Oh! Maggie, você vai estragar seu cabelo! — exclamou Tom — O melhor é você não cortar mais nada!

A tesoura ia cortando enquanto Tom falava. O me-

COZINHA

(ESTHER BATISTA)

Broa de milho

INGREDIENTES:

- 4 xícaras de chá de fubá de milho
- 2 xícaras de araruta
- 3 xícaras de açúcar
- 3 ovos
- 1 colher de sopa de pó Royal um pouco de sal
- 1 copo de leite
- 1 colher de sopa de manteiga.

MODO DE FAZER:

Mistura-se a manteiga e o açúcar, depois os ovos, sendo as claras batidas em neve, e o Royal; põe-se a araruta e o sal no leite; depois de se misturar os ovos põe-se o fubá e o leite; depois com a mistura do sal e a araruta. Fôrma untada, forno quente.

Bolinhas de maizena

INGREDIENTES:

- 6 xícaras de chá de maizena
- 2 xícaras de açúcar
- 1 1/2 xícaras de manteiga
- 4 ovos
- 4 limões pequenos
- 3 colheres de chá rasas de fermento.

MODO DE FAZER:

Bate-se bem a manteiga, junta-se o açúcar, a maizena com o fermento, o caldo dos limões e os ovos bem batidos. Assa-se em forminhas untadas de manteiga em forno regular.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.ª - Sala 2. - Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas. Exceto aos sábados — Fone: 23-144 —

Da União Feminina de Cordovil

Foi enriquecido no dia 17 do corrente com o nascimento de uma robusta garota que terá o nome de Sônia, o lar de nossa associada Cirene Lima Coe e do sr. Benedito Petrocelli. Aos papais os parabéns da "União Feminina de Cordovil"

CLINICAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG
2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID
3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas
EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — Tel.: 32-7709
AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 12.º andar

Geléias Louise Alderson

As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.ª ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92
Telefone: 38-3030 — Rio



Com a aproximação do Carnaval, quase todas as emissoras relaxam nos programas. É o dia inteiro, sambas e mais sambas. Não se pode ouvir outra coisa senão as músicas de Carnaval. Esta certo que se ponham discos à vontade, pois o povo quer aprender as músicas, mas não é preciso tanto!

E já que estamos no terreno das músicas carnavalescas, é bom lembrar o caso do concurso sobre a melhor música de Carnaval. O povo brasileiro, dia a dia, vai ficando mais descrente no governo desta terra. Tanto o Executivo, como o Legislativo e Judiciário pertencem ao mesmo grupo... E agora, até mesmo a Comissão julgadora das músicas de Carnaval aderiu. Não respeita mais a opinião pública. Como o governo costuma fazer, a comissão julgadora, fez de conta que ouvia o povo. Concoou os que quisessem para o Metropolitan. Ali, na frente do público, desfiliavam os cantores e as músicas eram apresentadas. Os assistentes aplaudiam e votavam.

Pois bem, tudo indicava que o voto popular seria respeitado. "Não me diga adeus", foi o samba preferido pela massa. Mas, a comissão resolveu "cassar" o samba escolhido. Dias antes esta mesma Comissão não aceitara a marchinha "Tem gato na tuba", declarando-a comum, sem meritos e pagão. Entretanto, os autores da marchinha eram bem apadrinhados. A comissão resolveu incluí-la no concurso. E por incrível que pareça, apesar da vontade popular, esta marchinha que a própria Comissão declarara, pagão, comum e sem meritos, foi premiada em primeiro lugar. Vocês entendem isso? Façam um esforço de memória e verão que este caso não é isolado. Muita coisa neste Brasil de hoje está acontecendo e a vontade popular vem sendo traida a cada passo.

De qualquer forma, quer a Comissão aprove ou não, o povo declarou "Não me diga adeus", a música n.º 1 do Carnaval. E contra o povo não adianta agir. Ele sabe se defender.

S. C.

Literatura

REVISTA MENSAL
Diretor:

ASTROJILDO PEREIRA

Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc.
Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso Cr\$ 5,00

Redação e Administração:
ALCINDO GUANABARA,
17 - 7.º andar — Sala 702
RIO DE JANEIRO

A IMPRENSA LIVRE É A VOZ DO POVO DAS RUAS

A batalha contra a liberdade de imprensa vem tomando mol-des agressivos a cada dia. Os empastelamentos de jornais, prisões e assassinatos de jornalistas, são formas brutais de se arrolhar a voz do povo das ruas, que exige defesa. É a ação do DIP de novo tipo que vai imperando sob os espantos da população. Até o aumento de salários dos jornalistas foi negado, para ver se eles esmorecem e deixam o trabalho dos jornais e, então, iriam para lá os indicados diretos do governo para dizer só o que interessasse ao Poder.

Ainda não se convenceram que isso é uma ilusão? Quem tem consciência de luta democrática não desanima. Pelo contrário, reforça-se.

Eis o nosso caso. "Momento Feminino", um jornal querido pelas mulheres, porque realmente só defende o interesse das mulheres e não se passa ao mercantilismo, esta também sofrendo as restrições já esperadas pelo Dipinho do Departamento dos Correios.

A verdade é que já cansamos de pedir providências ao senhor Diretor, através cartas. Não adianta. Pura ilusão e disso nos penitenciamos.

Agora mesmo, não satisfeitos com a retenção de nosso semanário enviado aos assinantes, prendem também os pacotes das representantes dos Estados. Temos recebido cartas e telegramas acusando a sabotagem na entrega dos pacotes no interior desde o número 25. Isso é demais, sr. Diretor. Que repartição pública e essa que não tem responsabilidades?

Não ignoramos a verdade dos fatos. Ali dentro também trabalha gente honesta e desmascara as medidas injustas. Foi assim que soube da sabotagem ao nosso jornal.

"MOMENTO FEMININO"

não está segundo para as deslealdades. Ficam presos os pacotes. Isso porque já se sabe que o nosso jornal é de luta

em favor das mulheres, põe as coisas podres para fora, desmascara a carestia, denuncia os negociatas e ensina muita coisa que se passa no campo feminino aqui e no mundo.

É essa a questão. Mas fixem todos os cientes que não cruzaremos os braços. Para nós a justiça é justiça e lutaremos pelos nossos direitos, de qualquer maneira.

Mais uma vez apelamos para nossas representantes do Distrito Federal, para virem apalhar os jornais na redação, porque o distribuiremos, mesmo contra a vontade do diretor do Correio.

Não haverá pão porque não há farinha

Com a última resolução da C. C. P., majorando em 49 cruzeiros o preço da saca de farinha de trigo misturada, passando, assim, a ser vendida a 274 cruzeiros, terá forçosamente de aumentar o preço do pão, pois não é possível fabricar pão a Cr\$ 6,00 o quilo, quando se compra farinha mais cara, com os mesmos 50 quilos.

A C. C. P. está em cinuca e as reuniões protetórias sobre o problema do aumento de preço, vem demonstrando que a Comissão quer empurrar o "abacaxi" para alguém. Agora está com o órgão Central.

Além disso, fracassou o acordo firmado com a Argentina. É preciso que se note que as sacas que nos estão chegando são parte das 100 mil toneladas que nos deveriam ter chegado em agosto. Como vemos, estamos sem trigo e não vamos ter pão, mesmo a preço elevado.

No fim de tudo, já se sabe, a administração nada resolve e os panificadores vão ser acusados como responsáveis pela crise...



Muito musicais os programas da semana. Aqui e ali um abacaxi como "Safo". Não há interesse em programar bons filmes no verão e principalmente nas vésperas do Carnaval.

Miragem dourada nos Cine Metro foi o melhor filme da semana. Um "pot-pourri" muito agradável com 32 bons artistas em pequenos close-up. Muita música bonita, muita loucura americana, e a refrigeração do cinema fazendo a gente gostar de tudo.

Foi a melhor coisa da semana.

E. M.

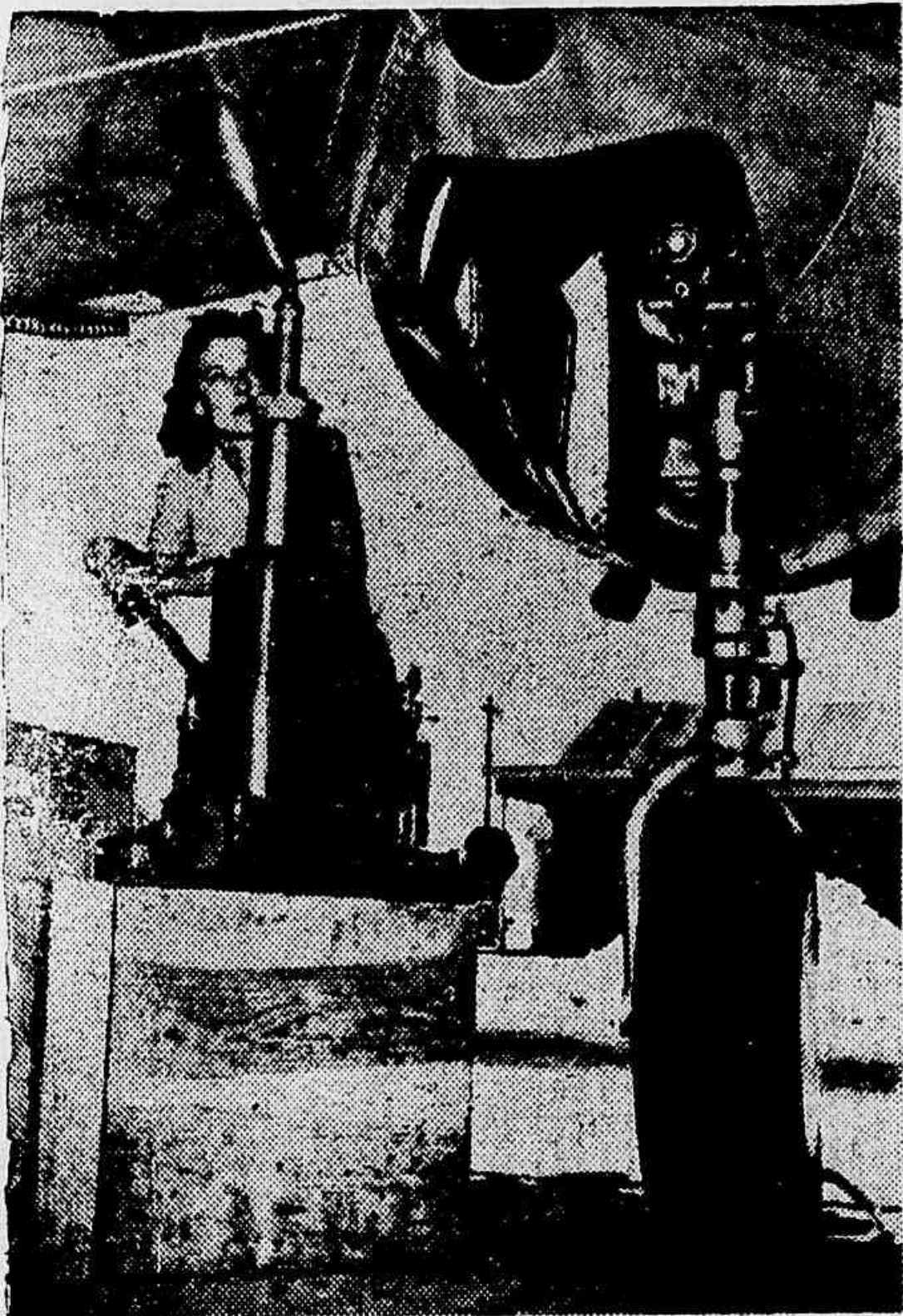
TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL MOLÉSTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

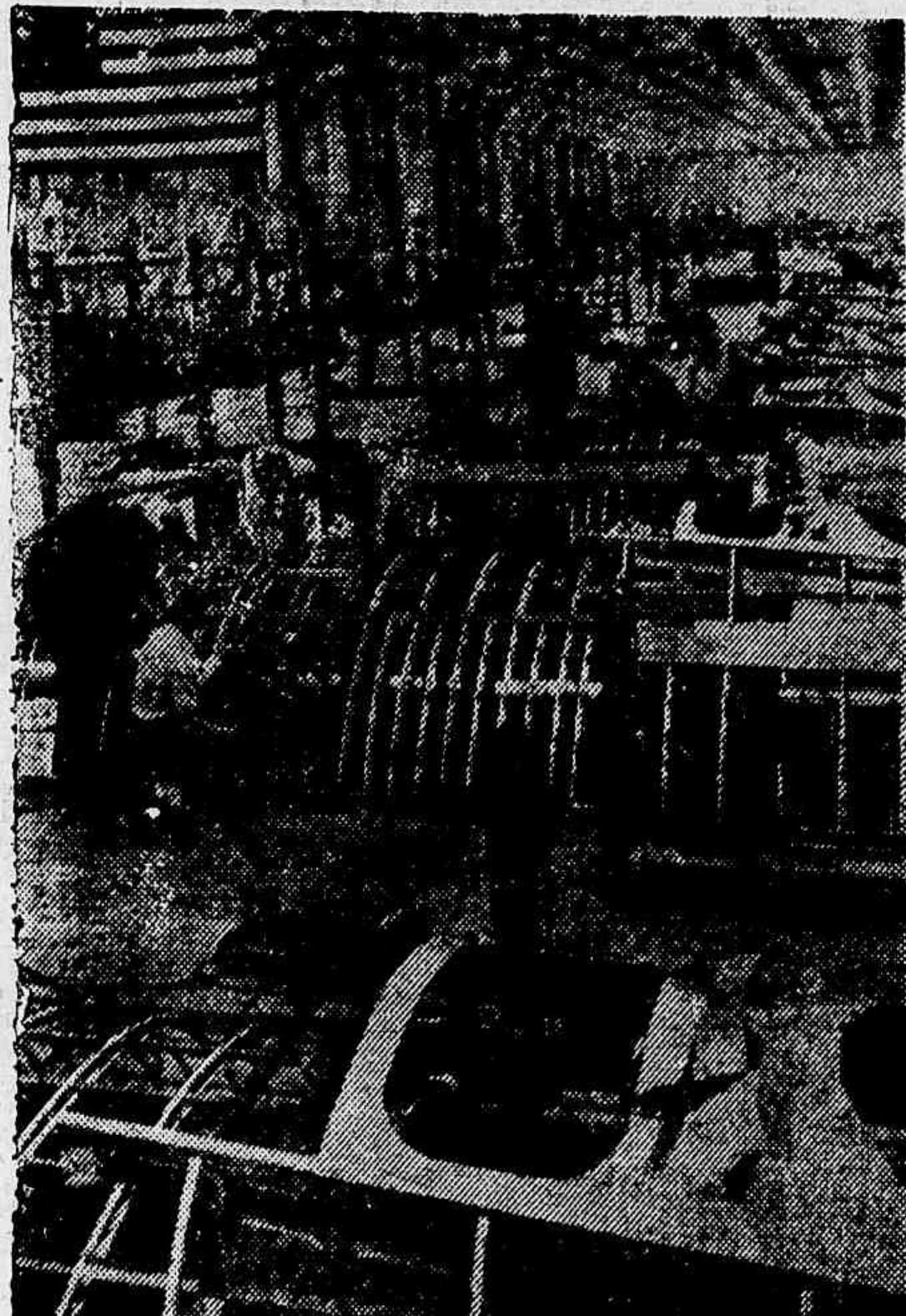
GINECOLOGISTA

Calça P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA - Sala 218 - Tels.: 42-7350 e 38-5656

LUTA PELA PAZ, PELA DEMOCRACIA, CONTRA A REAÇÃO



Charlotte Martin uma das 150 mulheres mecânicas e fiscais do depósito da RAF em Lubbock. Elas fizeram a guerra vitoriosa para a Democracia



Mulheres americanas construíram tanks e canhões. Elas sabiam que a Democracia precisava vencer

As mulheres têm o direito de exigir a paz e a democracia mundiais. Esse direito foi por elas conquistado durante a guerra contra o fascismo, quando esqueceram todas as suas prerrogativas, femininas para correr às fábricas, aos transportes, às enfermarias e hospitais, ao próprio campo da luta em defesa da liberdade que sempre amaram. Em defesa do direito à vida, à maternidade, ao lar.

Em todos os países do mundo as mulheres lutaram de armas nas mãos ou substituindo seus filhos, maridos ou pais, nos trabalhos da retaguarda.

Nós mesmas, brasileiras, tivemos nosso papel na guerra. Fomos à Itália como enfermeiras, trabalhamos no esforço de guerra, na Legião Brasileira de Assistência, na Defesa Passiva. Tivemos a noção clara e nítida da responsabilidade que caía sobre nossos ombros. Lutamos pela democracia mundial, contra o fascismo.

As lágrimas não desapareceram ainda de nossos olhos e já os fazedores de guerras içam a sua bandeira de terror. As provocações guerreiras se sucedem.

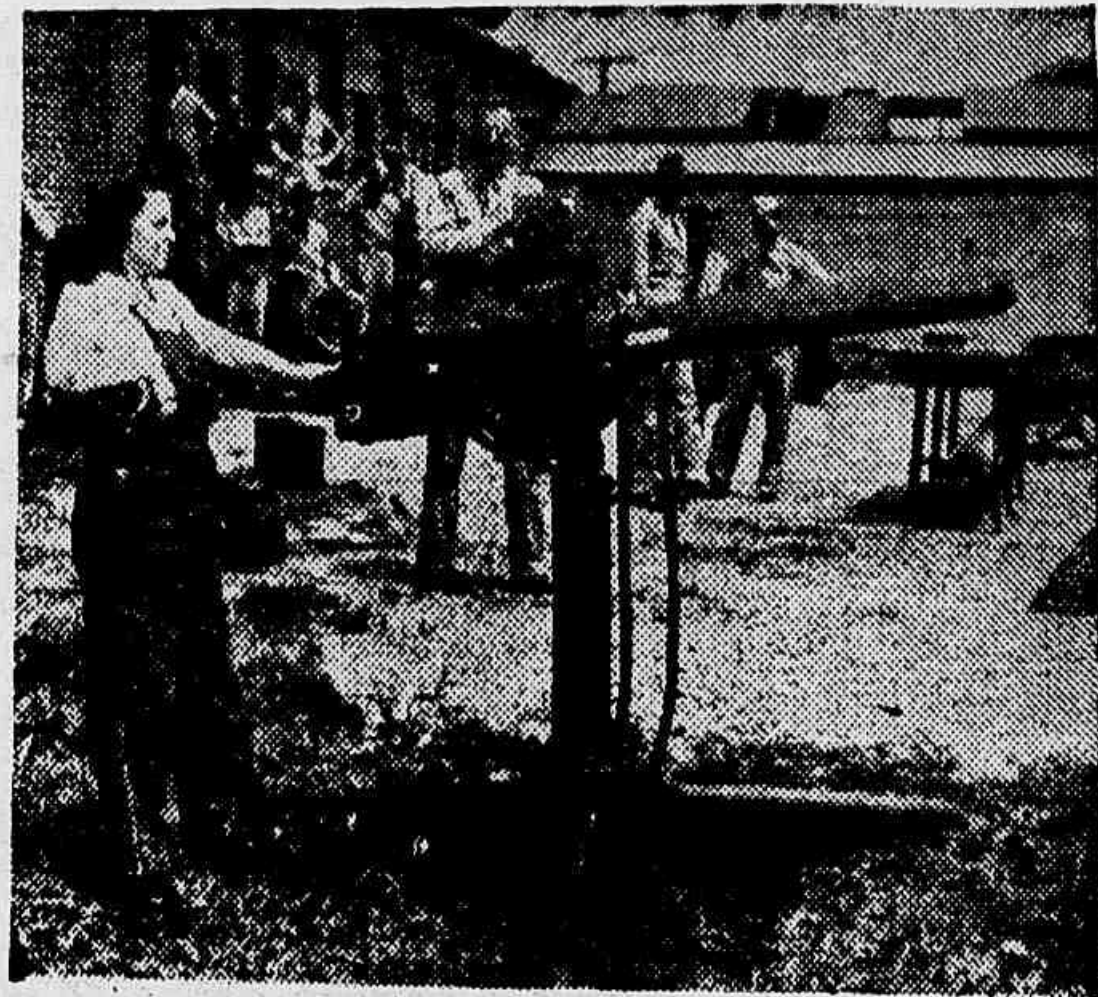
A democracia, conquistada pelo sangue e pela morte, é novamente ameaçada. Não conhecemos ainda os prazeres da paz e a alegria de um governo democrático em nossa pátria. Exigimos uma Constituição com a voz mais ardente, com a maior de nossas eloquências e essa Constituição que nos foi dada sem ser aquela que desejávamos, era já alguma coisa. Mas, mesmo assim, ela não é respeitada, nem cumprida.

Por que morreram e lutaram durante cinco anos dezenas de milhões de homens e mulheres? Por que sacrificaram-se tantos povos? Por que Lidice foi esmagada? Por que fomos à guerra, nós brasileiros, sempre tão pacíficos?

Essas perguntas todas têm uma só resposta: — pela liberdade de pensar, de sentir, de falar, de ter idéias e defendê-las. Pela Democracia, pela paz! Pelo direito de não ser escravos! Pela glória de ser livre.

Não é justo, portanto, que nós mulheres, sempre tão valorosas, tão heróicas diante de todas as dores, cruzemos nossos braços e não olhemos as ameaças guerreiras, o ressurgimento da reação mundial. Nosso papel já conquistado tem que ser mantido e ampliado. Lembremos as mulheres da Espanha, Portugal, Grécia, Itália. Lembremos hoje que a nossa bandeira é a luta pela paz, pela democracia, pela independência de nossa pátria, contra a reação mundial.

Ainda estão cheios de lágrimas os nossos olhos...



Em todos os lugares elas foram as grandes combatentes da Democracia

O CASO DOS JORNALISTAS É MAIS UMA CAPITULAÇÃO

O povo vem acompanhando a grande luta dos jornalistas, que pleitearam aumento de salários em projeto do deputado Café Filho. Pois bem, esse projeto foi vetado pelo Presidente da República. Agora, o veto foi aprovado na Câmara, vergonhosamente, sob a conhecida capitulação dos que se dizem representantes do "povo".

Ficaram os jornalistas com os seus míseros salários na base do padrão de vida de 1944, enquanto o nível subiu a mais de 300% nas despesas diárias.

Todos sabemos que o trabalho intelectual é penoso, principalmente quando posto a serviço honesto em defesa dos interesses do povo. Entretanto, esses trabalhadores da pena tiveram sua pretensão barrada pela maioria parlamentar que resolveu deixar de lado sua consciência, para ceder às imposições do Presidente da República.

Mas o caso não se liquida para e simplesmente. Os jornalistas continuarão a luta por melhores salários, porque sen-

tem a premência dessa luta. Não podem passar fome e o que ganham não dá para a manutenção de suas famílias. Assim, pleitearão junto aos patrões um aumento provisório. Vamos ver se os diretores são mais justos e mais humanos. E, o seu sindicato há-de ajudá-los nisso.

...

As mulheres dos jornalistas devem se colocar ao lado dessa luta, porque de sua colaboração muito pode depender o resultado satisfatório do pretendido.

Hoje em dia nenhum movimento reivindicatório pode prescindir da ajuda feminina, principalmente quando há um interesse direito a defender.

No caso presente as famílias dos jornalistas devem acompanhá-los nessa luta, protestar contra a atitude dos capitulacionistas e desmascarar um governo que age contra os interesses do povo, fazendo barreira às mais justas pretensões dos trabalhadores intelectuais.

AUMENTO RELAMPAGO

Terminado dezembro, fizemos um apanhado de números: Dia 31, bom dia para encerramento de contas. Janeiro não terminou, mas, curiosas, fomos consultar nosso caderno com os novos preços. Ficamos alarmadas, amigas, e aqui damos o resultado para vocês:

Espécie	Unidade	Preços	
		31-XII-947	17-I-948
Carne	Quilo	1,00	1,20
Farinha de trigo	Saca de 50 quilos	20,00	24,00
Bebidas-chope	Copo	1,00	1,20
Bebida-cerveja	Garrafa	2,00	2,40
Feijão	Quilo	2,40	2,80
Arroz	Quilo	2,00	2,40
Banha	Quilo	13,50	16,00

É um quadro alarmante. Entre portanto para a União Feminina Feminina de seu bairro e vá defender os problemas de seu lar, liquidando a carestia.